

RELAÇÃO E CUIDADOS FILIAIS NA VELHICE: CONTRIBUTOS DA ANSIEDADE FILIAL

Carla Faria

Instituto Politécnico de Viana do Castelo
cfaria@ese.ipv.pt

<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n2.v1.570>

Fecha de Recepción: 7 Agosto 2016
Fecha de Admisión: 1 Octubre 2016

RESUMO

Uma das consequências de uma sociedade envelhecida é a crescente necessidade de cuidadores, particularmente cuidadores informais. A investigação sugere que as necessidades de cuidados dos adultos mais velhos estão a tornar-se cada vez mais uma responsabilidade dos filhos adultos. Neste contexto, conceitos como maturidade filial e ansiedade filial são muito uteis pois permitem compreender as transformações que ocorrem na relação pais envelhecidos-filhos adultos. A investigação neste âmbito tem reunido evidências que sugerem a relevância da ansiedade filial para os cuidados filiais, na medida em que desempenha um papel importante na disponibilidade e qualidade do cuidado proporcionado, pois pode, antecipadamente, condicionar a capacidade do cuidador informal para cuidar. O presente estudo tem como objectivos (1) avaliar a ansiedade filial em filhos adultos portugueses de meia-idade e (2) explorar a sua relação com características destes cuidadores informais. Participam no estudo 130 adultos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 35 e os 64 anos ($M = 50.25$; $DP = 7.97$) e com pelo menos um familiar idoso vivo, avaliados com a Escala de Ansiedade Filial. Os resultados sugerem que as mulheres apresentam níveis mais elevados de ansiedade filial, assim como os adultos menos instruídos. Estes resultados vão no mesmo sentido dos da literatura internacional no domínio, o que parece reforçar o papel da ansiedade filial na qualidade das relações filiais na vida adulta, particularmente ao nível dos cuidados filiais na velhice, com fortes implicações para os cuidadores informais e os idosos.

Palavras-chave: cuidadores informais; cuidados filiais; ansiedade filial; maturidade filial

ABSTRACT

Filial relationship and filial care in old age: contributions from filial anxiety

One of the consequences of an aging society is the growing need for caregivers, particularly informal caregivers. Research suggests that older adults care needs are becoming increasingly a responsibility of adult children. In this context, concepts such as filial maturity and filial anxiety are

very useful because they allow us to understand the changes that occur in the relationship aged parents-adult children. Research in this field has gathered evidence that suggest the relevance of filial anxiety for filial care, as it plays an important role in the availability and quality of care provided and it may in advance constrain the ability of the caregiver to provide care. In this context, this study aims to (1) assess filial anxiety in middle-aged Portuguese adult children and (2) explore the relationship of filial anxiety with characteristics of the informal caregivers. Participated in the study 130 adults, aged between 35 and 64 years ($M = 50.25$, $SD = 7.97$), with at least one elderly living relative, that were assessed with the Filial Anxiety Scale. The results suggest that women have higher levels of filial anxiety, as well as the less educated adults. These results go in the same direction of the international literature in the field, which seems to strengthen the role of filial anxiety in the quality of filial relationship in adulthood, with strong implications for informal caregivers and for the elderly.

Keywords: informal caregivers; filial care; filial anxiety; filial maturity

INTRODUÇÃO

Uma das consequências de uma sociedade envelhecida é a crescente necessidade de cuidadores, particularmente cuidadores informais. Mais do que nunca, devido ao aumento da longevidade, pais e filhos partilham um longo período de vida em que os filhos têm de lidar com declínio dos pais e com os desafios associados. Tal pode ser expresso em comportamentos de cuidar ou outras formas de suporte filial/intergeracional (Cicirelli, 1993). Investigação sobre o envelhecimento sugere que as necessidades de cuidados dos adultos mais velhos estão a tornar-se cada vez mais uma responsabilidade dos filhos adultos (Schultz & Schultz, 1998). Neste contexto, a relevância da investigação que se focaliza nos cuidados no âmbito da relação pais-filhos, relação/cuidado filial, tem sido progressivamente maior (Blieszner, 2006; Fingerma, Pitzer, Lefkowitz, Birditt & Mroczek, 2008). Os especialistas argumentam que a relação filial deve ser considerada quando se investiga os cuidados filiais, com particular atenção para a natureza desenvolvimental da relação filial e os antecedentes dos cuidados. No entanto, a investigação tem-se focado essencialmente nas implicações ou consequências do cuidar para o cuidador informal e para o idoso, sendo escassos os estudos que se focalizam nos antecedentes do cuidar. Isto é, nas variáveis ou dimensões que facilitam ou limitam a adaptação ao papel de cuidador e que contribuem positiva ou negativamente para a qualidade dos cuidados proporcionados. Neste contexto, o conceito de maturidade filial proposto por Blenker (1965) é muito útil na medida em que permite compreender a transformação que ocorre na relação pais envelhecidos-filhos adultos. Para autora, a partir do momento em que os filhos são capazes de aceitar e perceber os pais como pessoas com limitações, necessidades e direitos, mas também com uma história passada desenvolveram a maturidade filial. No entanto, existe evidência de que muitos filhos adultos respondem com algum grau de preocupação ou mal-estar às necessidades dos pais envelhecidos. Isto é, parecem estar pouco comprometidos com o seu papel de futuros cuidadores, mostrando-se preocupados com a quantidade de ajuda a proporcionar e com a sua capacidade para lidar com tal exigência (Cicirelli, 1981). Este processo, designado por Cicirelli (1988) de ansiedade filial, é definido como um estado de preocupação antecipada face ao declínio e perda dos pais envelhecidos e à capacidade pessoal para satisfazer as necessidades de cuidados. A investigação neste âmbito tem reunido evidências que sugerem a sua relevância para os cuidados filiais, na medida em que desempenha um papel importante na disponibilidade e qualidade do cuidado proporcionado, pois pode, antecipadamente, condicionar a capacidade do cuidador informal para cuidar. Globalmente, as mulheres tendem a apresentar níveis mais elevados de ansiedade filial, assim como pessoas com recursos educativos menores (Cicirelli, 1988); níveis superiores de ansiedade filial tendem a estar associados a níveis menores de sentimentos de solidariedade e expressividade (Murray

et al., 1996), a relações pais-filhos pobres, conflituosas, tensas ou distantes emocionalmente (Myers & Cavanaugh, 1995), a pior condição de saúde do cuidador informal (Laditka & Pappas-Rogich, 2001), e maior desgaste e sobrecarga na situação efectiva de cuidar (Bradley, Miller, Murtha, Parkinson, & Horst, 2008). Assim, o presente estudo tem como objectivos (1) avaliar a ansiedade filial em filhos adultos de meia-idade e (2) explorar a relação da ansiedade filial com características destes cuidadores informais.

METODOLOGIA

Participantes.

130 adultos de meia-idade (35 aos 64 anos), tendo-se definido como critérios de inclusão ter pelo menos um dos pais (ou outro familiar directo) idoso vivo a residir na mesma cidade.

Instrumentos.

Ficha Sociodemográfica. Permite obter informação relativa a características sociodemográficas, tais como género, idade, escolaridade, estado civil, composição e características do agregado familiar, número de idosos na família, distância da residência adulto-familiar idoso de referência, regularidade de contacto com o mesmo, e experiência prévia e actual de cuidados a familiares idosos.

Escala de Ansiedade Filial (EAF, Faria, Lamela, Silva & Bastos, 2013). Escala constituída por 13 itens cotados numa escala tipo Likert de cinco pontos, sendo que a pontuação total varia entre 13 e 65 pontos. A EAF é constituída por duas subescalas: i) Ansiedade Filial A (EAF-A), composta pelos primeiros sete itens que avaliam a ansiedade dos filhos de meia-idade face à sua capacidade para assumir o papel de cuidador e; ii) Ansiedade Filial B (EAF-B), composta pelos últimos seis itens que avaliam a ansiedade dos filhos face ao envelhecimento e declínio dos pais. A EAF apresenta bons indicadores de fiabilidade, com *alpha de Cronbach* de .86 para a EAF-A, .84 para a EAF-B e .87 para a Escala total.

Procedimentos de recolha de dados.

O protocolo de avaliação foi aplicado entre Março e Junho de 2012 em diferentes contextos (empresas/organizações, famílias, etc).

ANÁLISE

Todas as análises estatísticas foram conduzidas com recurso ao *software* estatístico *IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS® - versão 20.0)*.

RESULTADOS

Os participantes apresentam idade média de 50.25 anos (DP = 7.97), são maioritariamente do género feminino (64,6%), casados (80%), e com escolaridade entre o 10º e o 12º ano (28,5%), 50% revelou ter prestado cuidados a um familiar idoso no passado, e 68,5% prestava cuidados de forma regular e sistemática na altura do estudo (Tabela 1).

RELAÇÃO E CUIDADOS FILIAIS NA VELHICE: CONTRIBUTOS DA ANSIEDADE FILIAL

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes

		<i>N</i> (130)	(%)
Idade		<i>M</i> = 50.25 (<i>DP</i> = 7.97)	
Gênero	Masculino	46	35.4%
	Feminino	84	64.6%
Estado Civil	Solteiro	8	6.2%
	Casado	104	80%
	União de facto	2	1.5%
	Divorciado	11	8.5%
	Viúvo	4	3.1%
Escolaridade	Saber ler e/ou escrever	2	1.5%
	1-4 anos	8	6.2%
	5 ^o -6 ^o ano	17	13.1%
	7-9 ^o ano	19	14.6%
	10-12 ^o ano	37	28.5%
	Licenciatura	31	23.8%
Prestação de cuidados no passado	Pós-graduação	14	10.8%
	Sim	65	50%
Prestação de cuidados, no presente	Não	64	49.2%
	Sim	40	30.8%
	Não	89	68.5%

Foram encontradas diferenças marginalmente significativas ao nível da EAF-B e da Escala de Ansiedade Filial em função do género, sendo que as mulheres apresentaram níveis marginalmente superiores de ansiedade filial face ao bem-estar dos pais (EAF-B) e globais comparativamente aos homens (Tabela 2). Já em termos de idade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 2. Médias, Desvios-padrão e Testes *t* para a EAF em Função do Género

Variável	Género				<i>t</i> (128)
	Feminino (<i>n</i> = 84)		Masculino (<i>n</i> = 46)		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Ansiedade Filial A	20.4	6.92	18.9	6.42	1.27
Ansiedade Filial B	23.5	5.20	21.6	5.52	1.91 [†]
Escala de Ansiedade Filial (Total)	43.9	10.5	40.5	9.43	1.85 [†]

Nota. [†] *p* < .10.

Relativamente às diferenças de escolaridade na Escala de Ansiedade Filial (A, B e Total), na EAF-A as análises estatísticas revelaram que os participantes com estudos universitários exibiram valores significativamente mais baixos nesta escala que os participantes dos restantes grupos, enquanto para a EAF-B as análises estatísticas evidenciaram que os participantes com estudos universitários se diferenciavam significativamente dos participantes com escolaridade entre o 7^o e o 9^o ano. Finalmente, na Escala de Ansiedade Filial Total em função dos grupos de escolaridade considerados os participantes com estudos universitários mostraram valores significativamente inferiores de ansiedade filial total do que os participantes de todos os restantes grupos (Tabela 3).

Tabela 3. Médias, Desvios-padrão e Testes ANOVA para a EAF em Função da Escolaridade

Variável	Escolaridade								F (3, 127)
	≤ 6º ano		7-9º ano		10-12º ano		Estudos universitários		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Ansiedade Filial A	23.34	6.43	22.26	7.08	20.27	6.03	16.47	6.11	8.03***
Ansiedade Filial B	23.45	6.22	25.05	5.17	23.25	4.72	21.25	5.01	2.71*
Ansiedade Filial Total	46.79	10.62	47.31	10.28	43.51	8.95	37.72	9.24	7.19***

* $p < .05$. *** $p < .001$.

CONCLUSÃO

Globalmente, os resultados apresentados sugerem (1) uma associação estatisticamente significativa entre ansiedade filial, género e escolaridade, sendo que o género feminino e pessoas com baixa escolaridade apresentam níveis mais elevados de ansiedade filial. As diferenças de género encontradas na ansiedade filial, com as mulheres a apresentar valores mais elevados de ansiedade face ao envelhecimento dos pais e conseqüente declínio e perda destas figuras, bem como ansiedade filial global são consistentes com resultados internacionais neste domínio (e.g., Laditka & Pappas-Rogich, 2001). No actual contexto social, a mulher continua a ser a principal cuidadora de familiares envelhecidos, portanto é espectável que a mulher demonstre maior preocupação com o processo de envelhecimento dos que lhe são próximos e que antecipe maiores exigências a este nível. Por outro lado, atendendo ao estatuto social da mulher é provável que esta antecipe uma maior sobrecarga de tarefas e exigência na gestão de tarefas e papéis de vida à medida que os seus familiares envelhecem, bem como uma maior interferência deste novo papel de cuidadora nos restantes papéis de vida – profissional, mulher, mãe, amiga. Também as diferenças significativas encontradas ao nível da escolaridade são consistentes com resultados a nível internacional (e.g., Cicirelli, 1988). Assim, parece-nos que o que poderá contribuir para o facto de os participantes com níveis superiores de escolaridade apresentarem menor ansiedade face à sua capacidade para cuidar dos pais envelhecidos, assim como para lidar com o declínio destes, poderá decorrer do acesso a mais recursos materiais e imateriais que estas pessoas poderão ter. Isto é, mais formação pode significar maior capacidade para, do ponto de vista cognitivo, compreender o processo de envelhecimento o que poderá reduzir os níveis de ansiedade, e mais formação poderá também significar empregos mais diferenciados, logo estatuto socio-económico mais elevado, logo mais facilidade de acesso a serviços e ajudas complementares no processo de cuidar. O presente estudo apresenta algumas limitações que importa considerar. Os procedimentos de amostragem e número de participantes impedem a generalização dos resultados, pelo que estes devem ser lidos como uma primeira abordagem ao estudo da ansiedade filial no âmbito dos cuidados filiais. Por outro lado, a utilização de instrumentos de auto-relato condiciona os resultados devido ao efeito da deseabilidade social. Em investigações futuras importa considerar estas limitações e alargar o foco do estudo. Globalmente consideramos que o presente estudo reúne potencial para a investigação e intervenção futura no âmbito do desenvolvimento adulto e do envelhecimento, particularmente numa dimensão nuclear do ser-humano: o cuidar e ser cuidado na relação filial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Blenker, M. (1965). Social work and family relations in later life with some thoughts on filial maturity. In E. Shanas & G. F. Streib (Eds.), *Social structure and the family: Generational relations* (pp. 46-59). New Jersey: Prentice Hall, Inc.
- Blieszner, R. (2006). Close relationships in middle and late adulthood. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 211–227). New York: Cambridge

RELAÇÃO E CUIDADOS FILIAIS NA VELHICE: CONTRIBUTOS DA ANSIEDADE FILIAL

University Press.

- Bradley, S., Miller, J., Murtha, B., Parkinson, J., & Horst, S. (2008). Filial anxiety among adult children: An exploratory study of planning behaviors. *Praxis, 8*, 37-45.
- Cicirelli, V. (1981). *Helping elderly parents: Role of adult children*. Boston: Auburn House.
- Cicirelli, V. (1988). A measure of filial anxiety regarding anticipated care of elderly parents. *The Gerontological Society of America, 28*, 478-482.
- Cicirelli, V. (1993). Attachment and obligation as daughter's motives for caregiving behavior and subsequent effects on subjective burden. *Psychology and Aging, 8*, 144-155.
- Fingerman, K. L., Pitzer, L., Lefkowitz, E. S., Birditt, K. S., & Mroczek, D. (2008). Ambivalent relationship qualities between adults and their parents: Implications for both parties' well-being. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences, 63*, 362-371.
- Laditka, S., & Pappas-Rogich, M. (2001). Anticipatory caregiving anxiety among older women and men. *Journal of Women & Aging, 13* (1), 3-18.
- Murray, P., Lowe, J., Anderson, H., Horne, H., Lott, W., & Macdonald, S. (1996). Validity studies of the filial anxiety scale. *The Gerontologist, 36*, 110-112.
- Myers, E., & Cavanaugh, J. (1995). Filial anxiety in mothers and daughters: Cross-validation of Cicirelli's Anxiety Scale. *Journal of Adult Development, 2*, 137-145.
- Schultz, C. L., & Schultz, N. C. (1998). *The caregiving years*. Melbourne, Australia: ACER.